

humanitas

Vol. LXVII
2015

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

**A ANTIGUIDADE CLÁSSICA NA POESIA
DE JOSÉ JORGE LETRIA
EM BUSCA DA PALAVRA PERDIDA**

**CLASSICAL ANTIQUITY IN THE POETRY BY JOSÉ JORGE
LETRIA: LOOKING FOR THE LOST WORD**

MARIA DO CÉU FIALHO

Universidade de Coimbra
mfialhofluc@gmail.com

Resumo

A referência de Letria à Antiguidade está longe de leitura idealistas: ela suporta a teia das palavras, os labirintos da existência e da criação, o teatro da vida, dentro e fora, exposta ao sol, na multiplicidade das máscaras e na procura do uno. O ‘mergulho’ no mar dos espaços de memória traz o eco de uma unidade perdida, de uma palavra por desvendar – e já a Antiguidade foi tempo-espaco dessa inquietação e busca, paradigma incompleto com que se identifica o poeta e com que o poeta identifica uma Europa a pedir reconstrução.

Palavras-chave: Letria, Antiguidade, labirinto, mascara, teatro, mar, Europa.

Abstract

Letria’s reference to Antiquity is far from being an idealised reading: it holds together the words web, the existence labyrinths, the theatre of life, inside the poet and outside on the open space under the sun, with its multiplicity of masks and its search for unity. Plunging in the sea of memory spaces allows the poet to bring back with him the echo of a lost unity, of an undiscovered word – as a matter of fact Antiquity was already a time-space of such unquietness and search, an ‘incomplete paradigm’ with which the poet identifies himself and identifies Europe asking for reconstruction.

Key words: Letria, Antiquity, labyrinth, mask, theatre, sea, Europe.

Anda um livro a escrever-me com vagar de escriba
 Com paciência de artífice arqueado sob o peso do olvido...

 ...anda um livro a evadir-se da sina de escrever-me¹

Esta aparente e poética inversão do sujeito e objecto de escrita traduzem a indissociável relação entre palavra e mundo, por ela aberto, por ela lido, por ela transformado, entre mundos e mundo do poeta, nessa sua atenta vitalidade de procura de sentidos, de equivalências, entre o que sente, o que de si percebe, o que o move e o mistério do fluir dos tempos e do confluir ou divergir de culturas. Sede de plenitude, para quem a vida demasiado lentamente levanta o véu que oculta luzes pressentidas, frustração por um pressentimento que se esvai e perde e não se ostenta consistente. E uma procura constante, por todos os espaços de memória, pessoal e colectiva, de um poeta universal. Eis, numa breve síntese, a complexa teia de palavra-experiência na obra poética de Letria.

Cada poeta tem encontro marcado com a palavra poesia na linha dos seus olhos, ponto de encontro entre o mundo e o seu interior, tecido de mundo e de mundos e da leitura, do sentir e do fervilhar da vida e de memórias, reelaboradas pela inquietação e busca milenar de quem sou, de quem somos, de quem sou como Humanidade e Indivíduo, num mistério de múltiplo e de uno que o não deixa. Esse mistério é adensado pelas teias (motivo tão caro a Letria), ou camadas que as palavras enleiam ou em que se deixam enlear, ou que, de súbito, rasgam, para deixar entrever um núcleo central de fogo e de luz, mal vislumbrado e logo oculto e esquecido²:

...Toco o fundo do mar,
 E há um relâmpago e uma estrela
 Na embriaguez dos meus ouvidos quando volto à superfície
 Com um nome divino a ferir-me a fala.

Que mar é esse a que o poeta se refere? O mar profundo do seu universo interior, marcado pela memória dos mares da sua infância? O Mar Mediterrânico, espaço de encontro e conflito de culturas? O mar, simplesmente, como uma e outra realidade, de um universo em que o que

1 J.J.Letria, *O Fantasma da obra II*, 65.

2 *O Fantasma da obra II*, 46.

está dentro é igual ao que está fora e em cujo núcleo mais profundo, por ambos, se procura esse foco oculto da palavra perdida e sempre instante de perfeição e esplendor. Assim se traduz o universo poético de Letria na obra a que dá vida. Assim, esse universo poético é habitado pela inquietação da perfeição, da clara forma ou fórmula-chave da existência e da verdade unificadora do ser e do poeta, inquietação que, de forma recorrente, se expressa como ‘mergulho’ às profundezas, profundezas também entendidas como alicerce histórico de uma cultura, para delas regressar, à superfície, mais rico, extasiado pelos tesouros da vida, mas mais estonteado pela sua riqueza complexa, que torna ainda mais complexo o enigma do homem no universo – um labirinto, como o de Creta³:

Infecunda razão que me enlouqueces,
pergunto-te o que queres
e tu respondes-me: prodígio e espanto.
E eu nada mais tenho para te dar,
nem a lucidez da voz,
nem o almíscar do riso.
Tu és a calma que precede a tempestade,
a rota de Ulisses truncada pelo vento,
a lança dos deuses quebrada pelo raio.
Vou ao fundo das águas,
ao lugar onde o estrondo é sinfonia,
e o que trago nos lábios
é um feixe de algas,
um coral de tons ferinos,
um rio desaguando em dédalo.

O olhar o mar, sentir o mar rente à palavra poética, por dentro da palavra poética ou no mergulho das memórias da infância, como se fossem um mar, denso, profundo, surpreendente e subitamente iluminado, tem a sua expansão significativa perante o Mediterrâneo: ilustra-o, em particular, o núcleo de poemas de *Os lugares cativos*, “À luz do mistério grego”. Não se trata de uma visão idealista, filha do Idealismo Romântico, como se apresenta frequentemente em outros poetas, mas de um olhar perscrutador, consciente de que o Mediterrâneo é um lugar de memória cultural, particularmente adequado a transmutar-se em metáfora dessa

3 *Ibid.* 42.

mesma memória pela profundidade, pela universalidade dos aromas, das cores, comuns à Antiguidade e a que foram sensíveis os Gregos como nós o somos, um lugar de memória com os seus cantos escusos de miséria, dor e cansaça, de intolerância e de guerra (Lugares Cativos, ou poema “Rua da Bela Vista, com tanto para lembrar”⁴)– azul que convida ao mergulho no coração do planeta azul e povoado, por vezes, de miséria à superfície, miséria que coincide com a memória de ilustres visitantes do ‘Grand Tour’, de tempos do esplendor de uma Europa de cultura – o que leva à amarga e lúcida constataçaõ:

...A Europa está a um passo da falésia
E finge que o progresso é o seu destino
E a unidade a sua crença. Está doente,
Mas isso ninguém escreve nos jornais...

É este o modo peculiar como a Antiguidade Clássica dá vida a momentos da escrita de Letria: essa cadeia de memória é também percurso, um dos percursos, por onde o poeta se embrenha na sua busca da palavra perdida, do súbito fulgor da plenitude vislumbrada e fugaz – procura em que o poeta se sente dividido entre o múltiplo e o uno de si mesmo, que persegue ou, mais tragicamente, entre esse uno perseguido e um duplo que se presente, a partir de uma face *dimmediata*.

Esta experiência dá vida a imagens referenciais e recorrentes, inspiradas na Cultura Grega. Para além do mar, a primeira a nomear, porque mais óbvia, é a do labirinto. Um labirinto sem minotauros, é certo, mas em que o espaço e o arquitecto são os mesmos: o poeta é labirinto e Dédalo, é labirinto e Ícaro (“ a poesia é um Ícaro duplicado”⁵), que eleva as suas asas reconhecidamente frágeis para um sol que o queima e o faz mortal, no seu mergulho marítimo; poeta e poesia são labirinto, em que esta, qual Aracne, o enleia na teia das palavras, ou ele mesmo se enleia, por si, nela, convertendo-se a busca pela palavra certa numa peregrinaçaõ que o leva ao supremo esforço de se ultrapassar até à outra face suspeitada ou, inversamente, que o leva a tentar libertar-se do lastro de um duplo que o prende à face das coisas⁶.

4 *Ibid.*, 256.

5 *Poesia escolhida*, 157.

6 *Ibid.*, 76. Sobre o motivo ou a imagem subjacente do labirinto em Letria, veja-se Carvalho (2009) 41.

Atente-se, por exemplo ao poema⁷:
No meu labirinto não há Minotauro
nem poetas perseguindo o fio de som
que os conduza ao âmago da luz .
O meu labirinto não é o de Borges
nem o dos efabuladores do fantástico:
começa no sono e acaba na vigília
alimentado por todas as tensões
que me retesam os músculos e arrasam
os nervos.
(...)
O meu labirinto é um lugar
habitado pelo espanto e pela dúvida.
Quem nele se adentra não pode buscar paz,
pois nos seus diligentes caminhos
é a vida inteira que se joga.

“Sou muitos com um só rosto”: esta duplicação ou multiplicação funcional e de perspectivas, o sentir e sentir-se sentido, a suspeita e a descoberta de alteridades no jogo entre o poeta e o eu lírico encontra no espaço da representação a expressão adequada.

A memória do teatro grego e do ‘sair de si’ dionisíaco encontra lugar privilegiado no imaginário de Letria. A própria paisagem mediterrânica, aberta em anfiteatro e exposta à luz constitui um grande teatro, aberto, que conta com o contraponto correspondente no espírito do poeta-teatro. As viagens e a aprendizagem dos sentidos, da memória (“o teatro da minha memória, devassada”⁸), do ensaiar ver-se de fora, da pose poética em que o poeta se busca, se quase descobre (“ficou-se pela metade do meu teatro”⁹), ou se descobre num quotidiano de faces múltiplas, de acordo com o incessante labor de afinar-se ou a atenção do silêncio de aprendizagem, e a reflexão feita no teatro escuro da câmara de reflexão da sua solidão poética – porque o teatro em que se projecta para conhecer-se pode ser

⁷ *O Fantasma da obra II*,314. Cf. Carvalho (2009) 41:”... o labirinto de José Jorge Letria não é um espaço de irremediável perdição, mas um lugar vital (onde os contrários se tocam) em que domina a arquitectura da pergunta («Morrerei perguntador» – II: 31) e da dúvida, a não deixar, a «quem nele se adentra», outro caminho que o do recomeço. Voltas em círculo, nunca perdidas.” Cf. Ferreira (1996) 309-333.

⁸ *Poesia escolhida*, 40.

⁹ *Ibid.*, 113.

nocturno – desenvolvem uma prodigiosa proliferação de máscaras, ou a descoberta dessa proliferação, que instiga o poeta a encontrar o núcleo de todas elas, múltiplas a partir de um uno, sujeito e objecto da contemplação do espectáculo, como o de Plauto em Mérida - “o autor que ri do autor”¹⁰:

Como numa comédia de Plauto,
 eu sou o autor que ri do autor,
 rindo também do sortilégio dos deuses,
 convocando as misérias do império
 para a mesa comum dos mortais.
 Agosto arde na corola dos girassóis,
 na planície minguada da sombra,
 ferida pela clamorosa sede dos pássaros.
 Eu sou a máscara que oculta a face
 e a face que dissimula a voz
 num vertiginoso exercício teatral
 em que a personagem morre
 por dentro daquilo que não diz.
 Assim é o poema: máscara
 violentamente colada à fala,
 fingimento amável que duplica
 no texto o temor da escrita. Da morte.
 A noite entra na noite como um dardo
 apontado ao coração das rosas sobre o ventre.

O exercício de ser outro permite, a partir dessa experiência que diria ‘dionisíaca’, o scherzo de criação multiplicidade de máscaras, como Chopin,

10 *O Fantasma da obra II*, 341. Comenta Jesus (2009b) 84: “A face do actor/ poeta e a máscara que a cobre, de forma demasiado perfeita, são afinal duas faces, duas personagens que partilham, na ficção do poema/peça, «vertiginoso exercício teatral», um mesmo nível de realidade. Mas logo a «personagem [que] morre/ por dentro daquilo que não diz», essa face primordial disfarçada, perde, na lógica de um fingimento perfeito, a sua existência essencial. Porque o poema, «máscara/ violentamente colada à fala,/ fingimento amável que duplica/ no texto o temor da escrita» é, como o jogo dramático, essa ânsia pela despersonalização que, no limite, conduz ao apagamento do eu, à sua (con)fusão com esse outro eu criado, qual criatura que suplanta o criador. Diríamos que o poeta, na senda de um pessoanismo mais inevitável que programático, “finge tão completamente/ que chega a fingir que é [fingimento]/ [o fingimento] que deveras sente”. A máscara que não mais se descola da face a que foi encostada é o motor desse processo, objecto à partida inanimado que logo ganha vida e se apodera do ser que julgava deter o domínio.” Cf. Ferreira (1966) 309-333.

Haydn, Debussy, Liszt, Berlioz, Beethoven, Brückner, Brahms, Wagner, Alban Berg, Tchaikovsky, Mahler, Granados e, finalmente, o polimórfico e universal Mozart.

Em teatro se escreve o poeta, movido pelo desassossego, até ao fim da grande peça em que, caídas todas as máscaras, no uno está, simultaneamente, o motor de vida e a morte, sua irmã (como numa comédia de Plauto). Diz o poeta, precisamente num poema do ciclo Fernando Pessoa: “Eu sou muitos com um só rosto...desço de mim até ao fundo”¹¹, mas também “À custa de me querer uno, pulverizei-me”.

Ainda que o autor ria do autor, no grande teatro da vida, na comédia plautina, o sabor essencial deste teatro, que é vida, livro, criação, pluralidade, pulverização, morte, é a tragédia.

Lugar privilegiado ocupam os mitos trágicos e as figuras trágicas, como Andrómaca¹²:

Entra Andrómaca e traz consigo
O luto de Heitor e a síntese trágica
Do destino dos mitos. Evadimo-nos:
É para um tempo outro, nada enxuto de lágrimas,
Tão macerado de queixas, que levamos
A prodigiosa ossatura da escrita,
Com os seus enfeites e enredos,
Rendilhando sons, debruando sílabas, num alucinante artifício barroco
Em que a voz, polifónica, se estonteia.

A polifonia é espectáculo genuíno primordial, mas é também a multiplicidade acorde do poeta que é coro, palco, tragédia em simultâneo (*Poesia escolhida*, 77), lembrando a própria prática da representação antiga, em que um actor vestia máscaras diversas numa só tragédia – a tragédia em que o homem, aprendendo os seus limites, aprendia a sua grandeza. A tragédia é o eterno paradoxo, cerne da existência humana e do poeta, por isso se prende à sua escrita e o faz grande e pequeno, múltiplo e uno e de novo múltiplo, na dita pulverização, que é matéria consumida até à cinza¹³:

11 *Poesia escolhida*, 76.

12 *O Fantasma da obra II*, 101

13 *Poesia escolhida*, 144. Sobre o poema comenta Jesus (2009a) 24: “Trágicos são todos os mitos, ou é pelo menos essa a sua síntese unificadora. Como Andrómaca, actriz de um teatro em que se encena o desalento da vida, o luto por Heitor encerra a mágoa e

Anda o teatro, com o seu engenho de tragédia,
 A invadir-me o território do verso
 Juntando os timbres e as falas
 Do que é múltiplo fingindo ser uno.
 E eu que faço? E eu que escrevo?
 Sou a personagem que antecipa as personagens,
 Emprestando-lhes o corpo e o sentido...

Este é um universo interior de vozes múltiplas, que o poeta verbaliza, recorrentemente, como teatro-teia, palco-labirinto, circular, multiplicidade de máscaras, entre um múltiplo desencontrado, como peças de um eterno *puzzle* por completar com sentido, e um Uno, ou a nostalgia dele, ou a sua simulação, que só pode ser o motor desta busca¹⁴:

Num grande teatro antigo
 é que eu gostava de me representar:
 tantas máscaras quantas fossem precisas
 para levar ao engano toda a escrita
 em que se estriba a fala dos actores.
 Quero ser a derradeira personagem
 de um enredo circular e enleante.

Já não o autor que ri do autor? Ou ainda o autor que ri do autor, mas de outra forma, libertadora, neste teatro-vida-poesia que é, por outro lado, espaço emancipatório do sonho – o sonho que move a Humanidade e que constitui mais do que mero cenário, espaço de catedral. Diria, de quase-catedral, já que, agora num teatro de espaço fechado, no apagar das luzes do cenário, “o homem adormece no limiar/ de uma tragédia inacabada,/ num intervalo mais longo/ que os dos livros” (*O Fantasma da obra II*, 135.). De novo “a palavra eleita” o despertará para a utopia (*ibid.* 132).

A Grécia Clássica, enquanto ausência ou esquecimento no mundo hodierno, é denúncia de crepúsculo. Enquanto apropriação para turistas, leva o poeta a ironizar com ela, a partir do Hotel Elektra na Rua Hermes¹⁵:

a dor de ser homem, colhido nesse tempo passado para onde se volta o poeta dilacerado pela insatisfação”. Sobre o motivo recorrente do ‘fogo’, ‘chama’, ‘labareda’, cinza’ veja-se Seixo (1995) 23.

14 *O Fantasma da obra II*, 330. Vide Carvalho (2009) 35 sqq.

15 *Poesia escolhida*, 146.

...só falta que amanhã seja Édipo
a trazer-me o pequeno almoço ao quarto...

Enquanto a vida continua e os jovens folgam e o poeta saboreia a sua taça de vinho e assiste ao espectáculo do que mudou. Ou a paisagem evoca, em belas imagens, da ‘doença de pedra’ dos barcos ancorados, incapazes de sair a navegar (*Fantasma da Obra II*, 203), em alusão ao barco petrificado dos Feaces, na praia de Ítaca, a incapacidade do homem-barco de deixar o ancoradouro e partir para a viagem do conhecimento e do desafio.

Por seu turno, a contemplação de cenários contemporâneos sobre espaços de memória pode despertar a percepção de uma tenebrosa advertência ominosa: a do declínio de impérios, Tibério é agora nome de cão corrido na praça, cuja coincidência está nos ícones de poder e na violência – impérios que, por terem soçobrado sob o peso da própria violência e desmesura, anunciam o homem novo, que há-de sair intocado do túmulo, da morte para uma vida renovada, desprendido do velho poder morto, para uma nova forma de energia: como no poema “Declinava um Império” em *O Fantasma da obra II*, 240:

Declinava um império à minguia
de uma ordem que sustentasse
a razão desgovernada dos tribunos.
Tinha uma águia e uma serpente,
um escudo espesso a deter o golpe de aço,
o assédio persistente do fogo.
Desolavam-se os que ostentavam
o peso aflitivo das correntes
a macerarem os músculos distendidos.
Nas entranhas das rolas e das garças
é que dormia o segredo
que há na música do vento
e no rumor de asas que agita a terra.
Douravam-se as asas e o brilho
que ganhavam contra o sol
era traiçoeiro e breve como o das lágrimas
quando alvoroçam a quietude do rosto.
Abria-se um túmulo e de um corpo intocado
Vinhavam os sinais da morte de um poder.

Em conclusão, em traços largos, as referências a espaços, criações poéticas matriciais (como o teatro), mitos, servem, em José Jorge Letria, a expressão mais apurada do seu labor poético, da essência da sua poesia, na procura da essência do poeta e da sua relação com o mundo e a arte, na sua procura pelo apuramento poético de utopias em que a palavra perdida, ou esquecida, se revelará, a partir do âmagô de um complexo denso, profundo, que é mar, terra, noite, sonho, jogo de multiplicidade e unidade.

Mas a Antiguidade abre também, enquanto lugar de memória, espaço a meditação e denúncia da repetição de processos de violência, da advertência poética da decadência e do abismo a que as lições não aprendidas condenam o homem. E o homem europeu custa a aprender. Não se trata de um espelho de desalento, mas de um ‘paradigma incompleto’¹⁶, que é a imagem do próprio homem, da sua incessante construção inacabada, pela ambição, pela guerra e pelo luto.

Em suma, ainda através da Antiguidade, não idealizada, mas pertença nossa, matriz do que somos, irmã de odores, de cores, de vida, de amores e angústias, de intolerâncias e de tolerâncias, através da Antiguidade rediviva na teia das palavras, nos labirintos da existência e da criação, no teatro da vida, dentro e fora, exposta ao sol, a poesia de José Jorge Letria desperta, alerta e compromete, poeta e leitor, na reconstrução de uma Europa, cujas pedras do grande edifício ameaçam desagregar-se¹⁷.

Bibliografia Citada:

Letria, J. J. (2002), *O Fantasma da obra II. Antologia Poética 1993-2001*. Lisboa.
 _____ (2009), *Lugares cativos*. Coimbra.

16 Jesus, *ibid.* 25, ainda que não concorde com o desalento icónico que este autor lê na imagem da Antiguidade em Letria: é, antes, imagem de advertência, vinda do mais profundo do tempo.

17 Cf. Fialho (2009) 6: Despojamento e excesso, procura, encontro e desencontro, marcam a sua relação com esta Grécia que acende os sentidos e a memória que os habita pelo excesso do sol, das cores, das formas, dos perfumes, da terra áspera e das referências culturais de tempos passados nos tempos que são. José Jorge Letria não cai numa evocação romântica da Grécia Antiga que, em última análise, explica a utopia banalizante de um passado malbaratado pelo turismo de massas. Recusa ser “turista em romaria”. O passado está por dentro do presente, anima-os o mito, ambos se cruzam, nesse labirinto de perplexidades, nem sempre desvendadas.”

- _____ (2012) *Poesia escolhida*. Coimbra
- Carvalho, T. (2009), “A poesia de José Jorge Letria ou o Labirinto sem Minotauro” in: T. Carvalho, C. Jesus, *Fragmentos de um fascínio. Sete ensaios sobre a poesia de José Jorge Letria*. Coimbra, 43-72.
- Ferreira, J. R. (1996), “O tema do labirinto na poesia portuguesa contemporânea” *Humanitas* 49, 309-333.
- Jesus, C. (2009a), “Placenta de vozes antigas ou a Antiguidade em José Jorge Letria” in: T. Carvalho, C. Jesus, *Fragmentos de um fascínio. Sete ensaios sobre a poesia de José Jorge Letria*. Coimbra, 17-26.
- _____ (2009b), “É um rosto imitando outro rosto. A poética da máscara e do (des) mascarar em José Jorge Letria” in: T. Carvalho, C. Jesus, *Fragmentos de um fascínio. Sete ensaios sobre a poesia de José Jorge Letria*. Coimbra, 73-88.
- Seixo, M. A. (1995), “José Jorge Letria e Casimiro de Brito: poéticas do excesso” *Jornal das Letras* 13 de Setembro, 22.